

A BORBOLETA

MARQUEZADO DE VALLADA

Foi creado este titulo de grandeza em 17 de Dezembro de 1813, na regencia do principe D. João, ao depois elevado ao solio com o nome de D. João VI.

Recahiu esta graça real na pessoa de D. Francisca d'Almeida, filha dos 3.^{os} marqueses de Lavradio.

Nascida em 1 de Setembro de 1792, casou em 1816, em primeiras nupcias, com D. Francisco de Menezes da Silveira e Castro—1.^o conde de Caparica, 14.^o senhor do morgado da Patameira e 12.^o senhor do morgado de Caparica, par do reino, veador, estribeiro-mór e mordomo-mór da Rainha D. Carlota Joaquina, gran cruz das ordens de S. Bento d'Aviz e d'Isabel a Catholica d'Hispanha, cavalleiro das ordens de Christo e do Tosão d'Ouro—ordem esta d'Hispanha tambem.

Nasceu este marido da 1.^a marquezia de Vallada em 10 de Março de 1754; e morreu em 22 de Julho de 1834.

Tinha casado em primeiras nupcias, em 16 de Julho de 1776, com D. Anna Tereza d'Almeida, dama da ordem de Sancta Isabel, e filha dos 2.^{os} marqueses de Lavradio, nascida em 28 de Março de 1760, e fallecida em 18 de Dezembro de 1815.

O titulo de conde de Caparica, incorporado no marquezado de Vallada, foi creado em 10 de Maio de 1793, no reinado da rainha D. Maria I—em nome de quem foram despachados todos os negocios do reino, desde 1792, até 14 de Julho de 1799.

A 1.^a marquezia de Vallada casou em segundas nupcias, em 1836, com D. Gastão da Camara Coutinho Pereira de Sande, 1.^o conde da Taipa, 6.^o senhor de Regalados, 12.^o senhor das ilhas Desertas no archipelago da Madeira, e 13.^o senhor do morgado da Taipa, par do reino, cavalleiro das ordens da Torre e Espada, e da Legião d'Honra de França, condecorado com a estrella d'ouro da guerra de Monte-Videu, e com a cruz n.^o 3 das campanhas da guerra peninsular—nascido em 2 de Julho de 1794.

Foi creado este titulo de conde da Taipa no reinado d'el-rei D. João VI, em 3 de Julho de 1823.

O titulo do marquezado de Lavradio—de que a varonia é a mesma dos condes

d'Avintes—foi creado em 18 d'Outubro de 1753, no reinado d'el-rei D. José.

Foi o 1.^o marquez, D. Antonio d'Almeida Soares e Portugal, que era conde da mesma villa por mercê d'elrei D. João V, e de que tirára carta em 17 de Julho de 1725:—renovando assim na sua pessoa este titulo, de que tinha fruido a posse o vice-rei da India D. Luiz de Mendonça Furtado e Albuquerque, que deixára o govêrno dos nossos estados asiaticos em 30 d'Outubro de 1677, e fallecêra na viagem de regresso ao nosso paiz.

O successor illustre, e illustrado descendente dos 1.^{os} marqueses de Vallada, foi seu exc.^{mo} filho D. José de Menezes da Silveira e Castro, 2.^o marquez de Vallada e 2.^o conde de Caparica, 15.^o senhor do morgado da Patameira e 13.^o senhor do morgado de Caparica, par do reino, official-mór da casa real, gran-cruz da ordem da Conceição, gran-cruz bálido da ordem de S. João de Jerusalem, cavalleiro da ordem de Christo, e governador civil do districto de Braga, nascido em 13 de Fevereiro de 1826.

O exc.^{mo} marquez de Vallada—governador civil do nosso districto—casou em 19 de Junho de 1848 com a exc.^{ma} D. Maria Isabel de Bragança e Ligne Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filha dos 3.^{os} duques de Lafões, e nascida em 10 de Janeiro de 1830.

Este titulo de ducado, creado no reinado d'elrei D. João V em 2 d'Abril de 1718, teve-o como 1.^o duque D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, nascido anteriormente em 19 de Janeiro.

Era filho do infante legitimado D. Miguel, nascido d'elrei D. Pedro II, e casado em 30 de Janeiro de 1715 com D. Luiza Casimira de Sousa, herdeira da casa d'Arronches e Miranda.

Foi senhora agraciada com a especial prerogativa do tractamento d'altaza:—tractamento, que nenhuma pessoa lhe disputára na côrte, depois que lhe fôra assim julgado em tres Sentenças conformes, obtidas contra o procurador da coroa no tribunal da Relação.

Em 16 de Dezembro de 1723, passou a ultima d'ellas pela chancellaria—que era a publicidade mais solemne, a que podia

então aspirar a 1.^a duquesa de Lafões, falecida em 16 de Maio de 1729.

O infante D. Miguel—afogado no Tejo desastrosamente, por se lhe ter virado o escaler, em que vinha da Outra-Banda para a capital—tinha expirado na noite de 13 de Janeiro de 1724.

O herdeiro do exc.^{mo} marquez de Vallada—governador civil d'este districto—é seu exc.^{mo} filho D. Francisco, titular cavalheiroso como seu egregio pae.—Nasceu em 6 de Março de 1854.

O exc.^{mo} marquez de Vallada, despachado para este cargo superior do nosso districto em 5 d'Abril d'este anno, tomou posse corporal d'elle em 1 de Maio—sendo cumprimentado e felicitado desde então atégora, como nunca o fôra nenhum dos chefes superiores do mesmo districto.—Tem-lhe feito Braga, em demonstrações de respeito e consideração, quanto é possível fazer-se a um magistrado.

E' d'esperar que o nobre marquez, conhecido no paiz e fôra d'elle pela sua muita illustração, deixe vinculado o seu nome illustre a obras immorretoiras—com que a posteridade dos seus administrados o bemdiga com fervor, e o recorde com saudade.

Braga.

Pereira-Caldas.

ESTHER

I

Na múrmura floresta o sol do estio
Passa atravez da ramaria a custo,
E o caminheiro adusto
Bebe das aguas limpidas do rio.

E' juncado d'abrolhos
O chão d'amôr, Ester; então concede
Que eu de um prazer ideal apague a sêde
Nos teus humidos olhos.

II

E do platano á sombra
O caminheiro estende-se cansado:
E o rosto bronzeado
Pende-lhe mesto na virente alfombra.

Aspiração tam louca!
Deixa que eu durma á sombra do teu seio,
E vá depôr meu trémulo receio
A' flôr da tua bôcca.

ALBERTO BRAGA.

OS SLAVOS

...l'origine de ce mot et l'ethnologie
des peuples...

STEUR—Ethnogr. des Peupl. de l'Eur.

I.—Não conheceram os geographos gregos, de que nós costumamos auxiliarnos em relação aos povos da antiguidade, senão a tres nomes de povos boreaes da Europa e da Asia, sobresalientes na historia em relação a nós.—Eram os *celtas*, os *cimmerios*, e os *scythas*.

Assignavam-lhes por estancias a zona septentrional d'ambos os continentes.—Aos *celtas*, as regiões d'entre o alveo do Rheino ao montes Ouraes, que eram os montes Ripheus; aos *cimmerios*, os territorios da Scandinavia e da Dinamarca, sem exceptuar plausivelmente a Irlanda e a Britannia; aos *scythas*, as regiões da Asia-septentrional confinantes da Europa.

O interior da Germania, das Gallias, e da Hispania—assim como do resto da Asia-septentrional—era-lhes então completamente ignorado.

Conheciam apenas as costas meridionaes da nossa peninsula, com algumas estações maritimas das ilhas britannicas e do mar Baltico.

Nada se fallava então—até ao seculo X antes da nossa era—nem de *gaulezes*, nem de *germanos*, nem de *slavos*, nem ainda de nenhum dos povos memoraveis do norte da Europa e da Asia, de que os nomes encheram d'assombro ao depois as paginas da historia.—Eram então desconhecidos inteiramente os paizes e os povos, que são o nucleo grandioso da civilisação do nosso seculo.

Nem os geographos gregos aprenderam o pouco da sua sciencia a este respeito, senão plausivelmente dos navegadores phenicios, prescrutadores incansaveis então do Mediterraneo e do Atlantico.

II.—Dos *slavos* de que nos occupamos, nem *Cassiodoro* nos dá noticias, nem *Jornandes* ainda:—signal testemunhoso da novidade do nome d'este povos, que a guerra actual entre a Russia e a Turquia está famigerando sobremodo.

Escreveu no entanto *Jornandes* uma obra prestimosa, occupando-se n'ella dos povos *gothicos*, visinhos dos *povos slavos* da epocha.—E' a obra conhecidissima *De Getarum sive Gothorum Origine et Rebus Gestis*, de que podem consultar facilmente a

versão franceza de *Savagner*, os que não conhecerem acaso a lingua latina.

Vivia no seculo VII da nossa era este escriptor, godo de nação, secretario d'alguns reis godos, e bispo godo: e se este nome de *slavos* fosse então conhecido, não o teria de certo *Jornandes* deixado em silencio, attentas as circumstancias expostas.

Por eguaes motivos—como é de crêr—não é de certo memorado o nome de *slavos* por *Cassiodoro*, senador e patricio romano, nascido cêrca do anno de 470, e de quem *Jornandes* compendiára em geral a obra mencionada.

III. — O que passa por sem duvida—no meio d'estes folheamentos d'escriptos antigos—é que a palavra *slavos* é uma *denominação appellativa*, derivada da palavra —SLAWA— com a significação de *gloria*.

Memora-nos por isso uma fracção de povos *preexistentes*, em que um dos ramos era o predominante, mais de certo pelo *denodo* de cada individuo—pela coragem e pela valentia—que pelo numero sobresaliente dos seus membros.

Nem a historia deixa de fornecer-nos outros exemplos analogos, de que seria longa a exposição n'este logar, alem d'alheia ainda do escopo limitado, a que não queremos deixar de nos adstringir.

(*Continúa*)

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

ODE SAPHICA

A' memoria da *innocentinha Valle* — em 13 d'outubro de 1876 — 9.º anniversario da sua morte.

A SEUS EXTREMOSOS PAES

O *exc.º sr. Joaquim Manoel Rodrigues Valle*
e a *exc.ª sr.ª D. Maria José Fernandes Valle*

Qual piú beata
Fanciulla in terra?

Peruzzini.

D'um pae o coração, d'immenso jubilo
Trasborda, ao ver da filha que estremece,
Fixados sobre a terra, em doces laços
Aureos destinos.

E folga, porque a dita a emballa em braços,
A ventura a adormece em ledos sonhos;

E a fortuna, colmando-a de delicias
Lhe ri fagueira.

No meio d'esse louco entusiasmo,
Com que o prazer o inebria, esquece
Que os sorrisos do mundo são ephémeros
Seus dons fallazes.

Quantas vezes ao riso segue o pranto!
Quantos, que adormecendo venturosos,
Acordam da miseria rodeados,
Na dôr submersos?!

E quanto, engolfados em delicias,
Trajando ricos, festivaes adornos,
Os vêem n'um momento transformados
Em negro crepe?!

O que é no mundo estavel?—nada... E' tudo
Metheoro fugaz, que apenas brilha,
Logo deixa após si espessa treva,
Cerrada noite.

Ditosos Paes, d'esses receios livres
Estaes, pela filhinha idolatrada:
D'essas do mundo variadas scenas
Izempta folga.

Lá, no reino da luz onde ella vive
Em gozo perennal, em dia eterno,
Ja não teme que as sombras ennuviem
O sol que goza.

Não receia que a dôr, o pranto amargo,
Lh'envenene o prazer, que alli disfructa
De seus irmãos, os anjos, entre o coro,
Candida Pomba.

Riquezas, honras, distincções, grandesas,
Podieis-lhes vós dar; mas não podieis
Fazer, que eternos esses bens durassem,
Sempre risonhos.

Folgai, pois, da ventura que disfructa,
Não tendes nunca a recear mudança;
A' sua duração marcou-lhe o Eterno
Infindos sec'los.

N'este dia em que aos ceos voou ditosa,
Recordai sua ausencia; mas sem pranto;
Antes felicitai-vos jubilosos
Por tanta gloria.

Ouvi-a, como alegre a Deus entôa
Ao som das harpas que dedilham anjos,
Hymnos d'adoração, e pede e roga
P'ra os Paes venturas.

Braga.

CORREIA JUNIOR.

CARTA À MINHA AMIGA VIRGINIA

Minha querida:

E' ardua a tarefa que me impões, difficilima a situação em que me collocas, quando me pedes que te aconselhe se sim

ou não deves tomar uma resolução que decidirá da tua vida inteira; uma resolução que pode dourar-te a existencia da esplendente luz de uma aurora de primavera sempre estavel, ou agglomerar sobre a tua cabeça tempestade terriveis; uma resolução em fim que revestindo-te do sacerdocio mais sagrado, que a mulher pode representar na terra, te aviltará até ao infimo, se te esqueceres de cumprir os deveres d'essa alta dignidade que então te divinizará.

Quizera, minha boa Virginia, ser uma pensadora Staël ou uma Anna Prophetisa, que explorava o futuro, para saber dirigir te, ou antes dizer-te, que, joven e inexperiente como tu, mendiga no mundo das reflexões, não posso nem devo prestar-me a aconselhar-te; todavia, no centro da minha indigencia intellectual, não te negarei os diminutos recursos que tenho colhido no curto espaço da minha vida, e dos quaes me serviria, se em circumstancia eguaes áquellas em que te encontras não houvesse quem m'os ministrasse preferiveis.

Asseveras-me tu que o teu coração te impelle a unir o teu destino ao d'um joven que amas; pedes-me que te não censure esta franqueza, e te apresente algumas observações, que tu, na effervescencia do teu amor, não podes fazer, afim de conheceres se deverás ou não realisar a tua vontade.

Não, Virginia, não receies que eu te censure. O amor nunca foi uma fraqueza, e se algumas vezes a humanidade presa d'elle é levada a commettel-as, é porque a sua fragilidade lhe faz olvidar que os esforços da sua razão devem sempre oppor limites á torrente dos seus insaciaveis desejos.

Mas vamos agora a essas advertencias que exiges de mim, e que, sem duvida, nada, ou bem pouco, merecerão a tua attenção.

Eu sei que nada ha mais facil, sendo nós naturalmente credulas, do que, na idade juvenil, nos sentirmos attrahidas pelos encantos de um homem moço que nos sorri, e que, na nossa ingenuidade e inexperiencia, julgamos tão lhano como nós; no entanto precisamos ter em vista que a mulher, a verdadeira mulher, sendo sempre um apoio fortissimo d'esse grande edificio a que chamamos *Sociedade*, tornada esposa e mãe é, no geral, o alicerce d'esse edificio, e em particular, uma pedra d'esse alicerce.

Logo, Virginia, antes de te casares, pre-

cisas reconhecer se serás uma pedra sufficientemente consistente para elle, ou se irás com a tua fragil constituição occasionar graves estragos, senão em todo, em parte do edificio pelo menos.

Parece-me ouvir-te dizer que não é ás pedras mas sim ao architecto, que pertence saber se ellas são, ou não, competentes para sua obra.

E' verdade isso; mas tu não és uma pedra do reino mineral, sem organização e sem vida, que o obreiro no caso de duvida sobre a sua qualidade, possa abrir para lhe analisar o centro, e que lhes seja completamente indifferente ser collocada na construcção d'um pobre albergue, ou de um sumptuoso palacio; és uma pedra viva do reino animado, que procuras ser applicada na formação da obra mais grandiosa, e que, pelo teu extremo polido e bello, podes fazer crer em ti um interior perfectissimo, que não deixas prescrutar.

Ora já vês que a tua asserção ao meu estylo figurado, supposto a fizesses, não podia ser admittida.

(Continúa)

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ.

QUADROS

V

Flor da lama

Ha tempos que não sinto os sonhos amorosos
Dos pallidos Romeus, dos lubricos Mussets,
E septico, procuro os passageiros gosos
Do *rum* e do *champagne*, ás mesas dos cafes.

Hontem, era já noute, eu fui ali... Formosos,
Brilhavam n'um cantinho uns olhos sem iguaes...
Havia n'esse olhar anceios mysteriosos,
E uns longes de tristeza e uns philtros sensuaes...

Olhei aquella *flor* da lama, dos esgotos,
E vi-a recebendo os risos d'uns garotos
—Seus amigos fieis, Valgeans de botequim...

No entanto sua mãe, disiam-n'a condessa,
Seu pae era ministro... Embora! que padeça...
Foi misera? não fosse.. O mundo é sempre assim!

Porto

TEIXEIRA DE CARVALHO

CINTRA

(Continuação)

E entretanto a este homem que esteve dezeseis annos preso, que viu sua esposa passar aos braços do irmão, e o papa annular o seu casamento, a este homem emfim poseram os historiadores o epitheto de *Victorioso!*

Foi um escarneo collocarem na frente de D. Affonso VI a coroa que não era para elle, cujo cerebro enfraquecido pelas enfermidades, o fizera commeter toda a casta de desatinos, e dar causa a um processo vergonhoso.

N'este paço real foi talvez onde D. Sebastião phantasiou a desgraçada expedição a Africa, a qual privou a patria de um moço, que viria a ser excellente rei, e envolveu mais tarde Portugal n'um grande infortunio.

Uma das cousas encantadoras de Cintra é o palacio da Pena.

No mais elevado ponto da serra, segundo a tradição, fôra edificada uma ermida com a invocação da Santa Virgem da Pena ou Penha.

El-rei D. Manoel quiz alli fundar um convento para os monges de S. Jeronymo; mas, pela aspereza do sitio, grandes obstaculos se levantaram para se fundar o mosteiro. Entretanto a vontade inabalavel do rei tudo venceu, fazendo-se uma *área de oito pés, terraplanada pelos lados*, como diz frei Agostinho de Santa Maria. A igreja e officinas foram fundadas e lavradas a picão em rocha viva.

Em oito annos, em 1503, ficou acabada, sendo feita de cantaria e abobada de pedra lavrada.

D. João III mandou-lhe fazer o retabulo da capella-mór de alabastro. E' obra composita; as figuras são em relevo e as columnas de jaspe preto, enriquecidas de collarinhos e gargantas do mesmo alabastro, frisos, cornijas e arquitraves, com um cordão admiravel, tendo ornatos de fructos, folhagens, capacetes e couraças, divididos em festões e no centro o sacrario, no qual estão esculpidos os Passos da Paixão de Christo, obra de Nicolau Italiano, que o padre Carvalho e Costa na sua chorographia chama Nicolau Francez.

A seguinte inscripção está gravada no pedestal do lado da Epistola:

*Joannes 3.º Emmanuelis. Fil. Fernandi
nep. Eduardi pronep. Joannis
abnepos Portugal. Et Alg. Rex.
Afric. AÆthiop. Arabic. Persic.
Indic. Ob. Felicem partum.
Catharinae. Reginae conjugis.
incomparabilis suscepto
Emmanuele Filio principe.
Aram cum signis Por Dedi-
cavit. 2 ann. MDXXXII.*

A este mosteiro offereceu D. Manoel uma coroa do primeiro ouro que veio da India, e a rainha D. Catharina deu muitos paramentos.

No claustro foi sepultado frei Braz de Barros.

Pois d'este mosteiro, de que dizia Heitor Pinto ser mais proprio para ninho d'aguas, que para habitação de monges, fez el-rei D. Fernando uma deliciosa vivenda.

O convento dos frades Jeronymos converteu-se n'um palacio acastellado.

(Continua)

C. GOODOLPHIM.

EMMELINA

(Versão de Alfredo de Musset)

(Continuação)

Para prolongar este prazer infantil, todos os dias o enfeitava com um novo adorno; fez por suas proprias mãos um pequeno tamborete de tapeçaria, que era um primor; e por fim, quando o camarote estava perfeitamente decorado, quando a sua imaginação lhe não suggeriu nenhum invento, achou-se só no seu cantinho querido, ouvindo o *Don Juan* de Mozart. Não olhava nem para a sala nem para o tablado; experimentava uma impaciencia irresistivel. Rubini, Heinefetter e Sontag cantavam o trio das mascaras, que o publico lhes fez repetir. Abysmada em extasis, Emmelina escutava attentamente; voltando-se, viu que estendera o braço sobre uma cadeira vazia, que estava a sua lado, e que apertava fortemente o lenço, á falta d'uma mão amiga. Não perguntou a si mesma porque o senhor de Marsan não estava alli, mas porque estava só, esta reflexão perturbou-lhe o espirito.

Ao entrar em casa, encontrou seu marido jogando os dados com um dos seus amigos. Sentou-se a alguma distancia, e, a seu pesar, fitou o conde. Seguia os movimen-

mentos d'aquelle nobre rosto, que vira tão bello, aos dezoito annos, quando elle se arremessára adiante do seu cavallo. O senhor de Marsan perdia, e as suas sobran celhas franzidas davam ao seu semblante expressão pouco graciosa. De repente sorriu, brilharam-lhe os olhos: a fortuna desandára.

—Gosta muito d'esse jogo?—perguntou Emmelina sorrindo.

—Como da musica, para passar o tempo:—respondeu o conde.

E continuou sem olhar para sua mulher.

—Passar o tempo!—repetiu a senhora de Marsan, no seu quarto, ao deitar-se.

Estas palavras não a deixavam dormir.

—Elle é bello, é valente—dizia Emmelina—ama-me.

Todavia o coração pulsava com violencia; escutava o ruido da pendula, e a oscillação do balanceiro incommodava-a; levantou-se para o fazer parar.

—Que faço eu?—perguntou ella—de terei a hora e o tempo, forçando este relogio a calar-se?

Com os olhos cravados na pendula, entregou-se a pensamentos insolitos. Pensou no passado, no futuro, na rapidez da vida; e perguntou a si mesma para que estava na terra, o que fazia n'ella, e o que tinha a esperar depois. Prescrutando o seu coração, conheceu que só vivera um dia, n'aquelle em que amára. O resto pareceu-lhe um sonho confuso, uma successão de dias uniformes, como o movimento do balanceiro. Collocou a mão na fronte, e sentiu uma necessidade invencivel de viver; de soffrer, direi eu. N'aquelle momento preferiria o soffrimento á tristeza. Protestou que mudaria de existencia a todo o transe. Fez cem projectos de viagem, e nenhum paiz é agradavel. Que ia ella procurar? A inutilidade de seus desejos, a incerteza que a opprimia, amedrонтaram-n'a; julgou-se por um momento louca; correu ao piano, e quiz tocar o trio das mascaras, mas ás primeiras notas desatou a chorar, e ficou pensativa e desanimada.

M. ALBERTO DE SOUSA.

ZELOS

Na tua meiga fronte, airosa e pura,
Toda cheia de luz e de harmonia,
Vi eu nascer a esp'rança e a alegria,
—A mais doce promessa da ventura—

Mal pensava que, em breve, a desventura
Com seu fatal poder, me roubaria
Tanta esp'rança, que leda me sorria
N'aquelle ceo de amor e de ternura.

Com que affago beijava os teus cabellos!
Como a vida em teus olhos se alentava!
Quem pôde ter jamais tantos desvelos!

Eu não sei porque foi, mas eu chorava
Quando tu, sem razão, com falsos zêlos
Não sabias amar como eu te amava!

Vianna do Castello.

M. A.

D. JOÃO II

(Continuação)

Designado pelo soberano o dia da abertura das côrtes, penetremos em uma vasta quadra dos paços reaes de Evora e observemos o que alli se passa.

De magnificas telas representando os feitos do imperador Trajano, se acham revestidas as paredes da sala, em volta da qual e no centro, estão collocados diversos bancos, e n'elles tomam logar, conforme as suas graduações, os representantes dos tres braços, que formam os estados do reino.

Ao fundo levanta-se um estrado de seis degraus e sobre elle assenta a cadeira de espaldar, debaixo de um rico docel encimado pelas armas reaes.

E' o throno para el-rei.

A nobreza tem á sua frente o duque de Bragança, e o clero é presidido pelo arcebispo de Braga.

Os procuradores das cidades e villas do reino teem assento nos bancos que numericamente lhes estão designados, conforme a povoação que representam.

- 1.º Porto, Evora, Lisboa, Coimbra, Santarem e Elvas.
- 2.º Tavira, Guarda, Vizeu, Braga, Lamego e Silves.
- 3.º Lagos, Faro, Leiria, Beja, Guimarães, Estremoz e Olivença.
- 4.º Portalegre, Bragança, Thomar, Montemor o novo, Covilhã, Setúbal e Miranda.
- 5.º Ponte do Lima, Vianna, Foz de Lima, Villa Real, Moura, Monte-mór o velho.
- 6.º Cintra, Torres Novas, Alemquer, Obidos, Alcacer e Almada.
- 7.º Niza, Torres Vedras, Castello Branco e Aveiro.

- 8.º Monsão, Serpa, Villa de Conde e Trancoso.
- 9.º Aviz, Arronches, Pinhel, Abrantes e Loulé.
- 10.º Alter de Chão, Freixo de Espada à Cinta, Valença, Monção e Alegrete.
- 11.º Castello Rodrigo, Castello de Vide, Penamacor, Marvão, e Certã.
- 12.º Crato, Fronteira, Monforte Veiros e Campo-maior.
- 13.º Caminha, Torre de Moncorvo, Castro Marinho, Palmella, Cabeço de Vide.
- 14.º Barcellos, Coruche, Monsanto, Gravão, Panoias e Ourem.
- 15.º Arrayolos, Ourique, Albufeira, Borba e Portel.
- 16.º Atouguia, Monsarás, Villa Viçosa, Penela e Santiago de Cacem.
- 17.º Vianna junto d'Evora, Villa Nova de Cerveira, Porto de Mós e Pombal.
- 18.º Alvito e Mertola.

SOARES ROMEO JUNIOR.

EIVIRA

(Continuação)

II

O amor d'Elvira

O leitor benevolo terá o incommodo de retrogradar um pouco: está em Vieira tres annos depois da chegada do barão de... com sua familia áquella risonha povoação.

O barão instalou-se n'uma espaçosa casa, cujas alvas paredes se divisavam a algumas leguas de distancia. As portas dos seus salões abriam-se uma vez em cada semana, para darem entrada ás familias mais gradas da formosa provincia do Minho, em que o barão havia restabelecido a sua residencia. N'estas reuniões familiares em que todos os convivas se achavam unidos por um abraço fraterno, pelos mais puros laços da amisade, reinava sempre a maior alegria.

Todos riam, todos folgavam: só uma pessoa, uma creança pura como o ceu e formosa como os anjos assistia áquellas reuniões de familia com o sorriso da indifferença nos labios, com a pallidez do soffrimento nas faces. Era Elvira.

Sentada ao canto d'um salão, ou encoberta por algum reposteiro, ora chorando em silencio, ora pallida e resignada, a joven filha barão de... pensava em alguém,

que não via n'aquella occasião senão com os olhos d'alma, e deixava escapar dos labios um nome, seguido d'um profundo suspiro. Raras vezes a viram envolvida no redemoinhar da dansa. Elvira durante as reuniões familiares effectuadas em casa de seu pae, era sempre triste e melancolica. O seu coração, que passára por uma transformação completa ao sentir os doces influxos do primeiro amor, pertencia a um homem e não aos festins do mundo.

Os dous amantes eram duas creanças meigas e bellas. Viviam ambas debaixo do mesmo ceu, aspiravam o perfume das mesmas flores e andavam juntas, quando as occupaões de suas familias lhe permitiam sair de casa.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

NENIA

(A' memoria do mallogrado poeta José Manoel Durães)

Já não dedilhas mais a lyra d'harmonia,
nem teus cantos gentis d'extrema melodia
nos enchem de dulçôr!

Findaram para ti as illusões doiradas,
e os sonhos divinaes das noites perfumadas...
—findou o teu amor!...

Cahiste, pobre cysne, ás garras desse abutre,
que as dôres aprecia, e em lagrimas se nutre,
qual féro jaguar!

Quando soltavas ainda os timidos arpejos,
sentiste d'ave negra os funebres adejos
por sobre ti pairar.

E logo tu pendeste—exanime, gelado—
como inseguro arbusto aos golpes do macha-
das Parcas á mercê; do,
e no abysmo voraz, roçando pela aresta,
cahiste—trovador—colando o dêdo á testa,
qual outro Chénier!

Monsão.

NUNES D'AZEVEDO.

ANTIGUIDADES EM TRÁS-OS-MONTES

IV

Já que fallamos acima em pedra d'armas, não será inutil relatar que n'esta povoação existem quatro casas nobres ou solarengas, que ainda hoje ostentam á entrada dos seus porticos este distinctivo de nobreza.

Pertence uma á casa dos Castros, familia nobilissima, de que falla o P.^o Carvalho na sua *Chorographia*: e um dos ascendentes d'esta familia, por nome Manoel de Castro Pereira da Mesquita, foi ministro e secretario d'estado honorario no reinado da Senhora D. Maria II: occupando n'esse reinado tambem o cargo de governador civil de Braga, e muitos outros que exerceu na côrte e fóra d'ella com lustimento da sua prosapia, e não menos lustre da sua patria, que honrou em diversas côrtes estrangeiras, onde desempenhou missões importantissimas.

Esta familia illustre, que hoje se acha representada no exc.^{mo} snr. de Castro Pereira, é uma das mais nobres da provincia e talvez do reino; tem o seu solar em Villarinho de Castanheira, solar que já foi reedificado e melhorado modernamente, não desmerecendo todavia da sua primitiva grandeza.

Outra familia não menos illustre, que tambem aqui teve o seu solar e casa nobre, e que se acha quasi extincta, foi a que ainda hoje é chamada vulgarmente a casa do Capitão-mór.

O seu ultimo representante, Manoel Antonio Pimentel e Castro, foi tambem o ultimo que exerceu a extincta dignidade de capitão-mór n'esses sitios e sua comarca, onde era notavelmente considerado. Deixou uma livraria selecta, que constituia uma das suas mais predilectas occupações.

A casa do major Antonio Manoel de Azevedo Lobo, tambem rivalisava com esta em fidalguia e nobreza de seus pergaminhos.

Todos estes eram fidalgos antigos, representantes de casas nobilissimas, que contavam na sua familia desembargadores, governadores da India, e outras dignidades não menos illustres.

Estas casas ligadas entre si por laços de parentesco, contituiam, por assim dizer, uma côrte na aldeia. Hoje, d'estas familias resta apenas o nobre representante dos Castros Pereiras!! A fouce da morte ha ceifado todas estas preciosas existencias, reliquias d'uma grandeza passada, e d'uma nobreza illustre.

N'uma d'estas familias houve um desembargador em Benguella, que trouxe lá no regresso ao seu solar um creado preto, o qual casou depois aqui e foi chefe d'uma numerosa familia, que ainda hoje existe, e que é perfeitamente mulata.

Este factó comprova os sentimentos

humanitarios d'estas familias, e attesta a sua veneranda antiguidade.

Passamos agora a fallar d'uma outra notabilidade, que não attrae menos a attenção do homem contemplativo.

Vamos fallar d'uma cataracta, que existe proxima do rio Douro n'estes sitios, chamada a da lagoa de *Sibio*. Em verdade, é para admirar a altura prodigiosa, d'onde se despenha a agua em catadupa medonha, formando no fundo um lago grande, que absorve em si um grande calabre, sem que toque no fundo—experiencia que já temos visto fazer.

Não queremos comparal-a com a do Niagara, nem com outras mais celebres, mas pode-se dizer afoitamente que é admiravel no seu genero. Chegada a agua ao sitio, onde chamam o *Sibio*, que é uma grande altura, d'ahi se despenha quasi no Douro com grande fragôr, cahindo d'uma altura não inferior a cem braças!

Em virtude do continuo bater d'agua, no fundo, abriu um grande poço, como já dissemos, cuja profundeza não pôde ainda ser calculada com exactidão, verificanda-se o antigo adagio que diz: *a agua tanto dá em pedra dura, até que a fura.*

E' lindo o espectáculo que se apresenta aos olhos do observador, que vê aquelle lençol d'aguas desdobrar-se rápido por entre aquellas penedias, e precipitar-se de uma altura enorme n'uma bacia natural, que a arte por mais aperfeiçoada que fosse não poderia imitar. Quando a agua cae do despenhadeiro, forma um cachão, onde a espuma alvissima, causada pelo embate da corrente contra as pedras, se eleva a grande altura. Quizeramos ter a penna de Chateaubriand para descrever com traços eloquentes esta belleza, como elle descreveu a bellissima cataracta do Niagara, por onde viajou, e que teve o gosto de vêr com seus proprios olhos.

Mas limitamo-nos a chamar para esta a attenção do homem pensador e apreciador d'estas bellezas, que a natureza nos apresenta com todo o primôr inexcelsivel.

Fique por tanto bem assente, que a cataracta do *Sibio* no logar de Lobazim proximo do rio Douro, merece as attensões de todos os que presam este espectáculo: e depois, e com o Camões

Digam agora os sabios da Escripura
Que segredos são estes da natura.

M. ALMEIDA BARBOSA.